

## **“O PROBLEMA SÃO VOCÊS, NÃO NÓS.”**

**BARBARA B.**

José Santos  
Aluno do mestrado em Interpretação e Tradução Especializadas do ISCAP  
Portugal

As personagens principais desta história são:

Helmut Müller - Detective privado. Através deste caso aprendeu muito sobre si próprio.

Bea Braun - sua secretária e colaboradora. Ela acha que este é o caso mais interessante até hoje.

Barbara Böhm - empregada de uma empresa em Berlim, tem de aprender a viver com cadeira de rodas devido a um acidente de carro.

Pessoas como tu e eu - Vendedores, Condutores de táxi, Seguranças de discoteca, Pessoas que andam no metro, ...

1

Neva há três dias sem parar. Flocos brancos e grossos caem na Terra cobrindo a paisagem, as árvores, os prados, as estradas. Bárbara olha pela janela do seu escritório. Que azar, pensa ela. Com este tempo tenho de ir agora a guiar até Hannover. Dez minutos mais tarde é o fecho do escritório e então começa o fim-de-semana. Ela arruma a sua secretária e despede-se das suas colegas de departamento.

“Até segunda, Barbara. Bom fim-de-semana!”, diz o seu chefe. “Que tens para fazer?”

“Tenho de ir visitar a minha mãe a Hannover, a coisa não está boa.”

“Com este tempo? Então diverte-te mas com cuidado!”

“Esta neve é perigosa! Vai devagar!”

“OK. Eu tenho cuidado! Até à próxima!”

A Bárbara dirige-se ao parque de estacionamento, limpa os discos do seu carro, entra e arranca. Quando chega à auto-estrada já está escuro. A camada de neve ainda está maior. A visibilidade é muito má e a estrada está coberta de neve. Há poucos carros no caminho. À sua frente vai um camião. Ela quer ultrapassar e liga o pisca. Quando se apercebe que o camião subitamente muda de trajectória já é tarde de mais. Ela tenta rapidamente abrandar e carrega nos travões. Mas o carro derrapa e embate contra as placas de segurança. Então a Bárbara perdeu a consciência.

## 2

“Olá! Como está? O meu nome é Bruck, sou o médico-chefe!”

“O quê? Onde estou? Que se passou?” Barbara abriu os seus olhos lentamente e observou o ambiente. Paredes brancas, uma cama branca, um homem vestido de branco a seu lado.

Então lembrou-se. O acidente! O camião, a auto-estrada, a neve, o embate...

“Você está no hospital em Wolfsburg. Está hospitalizada há 2 dias. Entretanto já a operamos. Não foi fácil. Mas agora descanse, tente dormir mais um bocado.”

“E que se passou comigo? As minhas costas! As minhas pernas!” Sua voz com um toque de medo.

“Sr<sup>a</sup>. Böhm, como lhe disse, tivemos de a operar. Espero que tudo esteja bem. Mas por agora durma primeiro. Quando precisar de algo, toque simplesmente e logo virá uma enfermeira.”

O médico aponta para uma campainha perto da cabeceira da cama.

Bárbara está cansada e não consegue continuar a falar.

## 3

A estadia de Barbara no hospital durou quase oito semanas. Por causa do choque contra as placas de segurança partiu muitas vértebras das costas e portanto os nervos que sustentam as pernas foram lesados. Inicialmente não conseguia pensar nisso, mas um dia teve de ser: estava paralítica. Não poderia mais correr. Nem mais dançar poderia, nada de jogar ténis ou andar de ski . Cada escada era para si um obstáculo inultrapassável. Ela era uma aleijada.

Ela foi transportada para Berlim num comboio especial. Aí esteve dois meses numa clínica de reabilitação. Aprendeu a mover-se, aprendeu a andar de cadeira de rodas, fez ginástica especial. Ao mesmo tempo o seu apartamento foi completamente alterado para que ela se pudesse mover com a cadeira de rodas.

Na sua empresa deram-lhe um novo emprego na secção de contabilidade. Todos os colegas eram muito simpáticos com ela, mas ela sentia que cada um dos seus melhores amigos lentamente se foi afastando. Não que mais nenhum gostasse de si. Não, não, mas ao final do dia, não havia ninguém se lembrasse dela. Uns iam ao cinema, outros jogavam ténis outros viajavam para o campo. Quem queria passear com um aleijado! Uma senhora incapacitada numa cadeira de rodas! Mas aí recusou-se a aceitar isso. Ela queria viver como os outros.

Ela queria passear, ir ao cinema, ela queria ter os mesmos direitos que os outros. Então surgiu uma ideia...

## 4

“Escritório do detective Müller. BeaBraum ao telefone. Bom Dia!... Sim, claro. Podemos marcar um encontro...bom, venha então amanhã depois das 11. Tem a nossa morada? ...sim, também. ... OK, até amanhã, adeus.”

Bea toma notas e dirige-se ao gabinete de Helmut Müller, seu chefe. Há um ano que é secretária, colaboradora, colega, em suma: mulher dos sete ofícios no escritório do detective Müller. Ela organiza a contabilidade, separa o correio, atende o telefone e habitualmente também ajuda o seu chefe nas pesquisas. Gosta do seu emprego, é interessante e por vezes até mesmo emocionante.

“Chefe, há pouco chegou um telefonema de uma sr.<sup>a</sup> Barbara Böhm. Ela queria falar consigo e vem amanhã depois das 11. Ela tinha uma voz muito interessante mas de qualquer maneira pareceu-me estranho.”

“Estranho como?”, Müller deixava de lado o seu jornal de Berlin e fitava a sua empregada. Ele tinha aprendido, nos anos que trabalhou juntamente com Bea Braun, a levar a sério os seus comentários, especialmente quando se tratam de sentimentos ou impressões. Geralmente a Bea tinha razão nas suas apreciações e estimativas.

“Não sei porquê ao certo mas a senhora perguntou por exemplo, em que andar era o nosso escritório e se existia elevador.”

“Hmm, isso parece-me tudo muito estranho. Ela disse o que nos queria?”

“Não, ela queria falar disso consigo amanhã.”

5

Às 11 em ponto do dia seguinte tocou a campainha e a Bea apertou automaticamente o botão que abre a porta.

Conforme tocou outra vez, ela pegou no telefone do intercomunicador.

“Sim!”

“Eu sou a Barbara Böhm. Poderia talvez vir alguém ajudar-me? Não consigo abrir a porta.”

“Sim, eu vou já”, disse a Bea pousando o auscultador. “Chefe, a senhora Böhm está

cá e diz que não consegue abrir a porta. Isto está cada vez mais esquisito com esta senhora. Porque é que ela não entra como os outros?”

“Estranho, estranho. Bea, fique aqui e eu vou lá. Nunca se sabe!”

“Tenha cautela!”

Müller dirige-se em vez de ao elevador às escadas e desce lentamente os dois andares até ao rés-do-chão. No átrio não estava ninguém mas através do vidro fumado da porta da entrada viu a silhueta de uma figura. ‘Vi também, como se alguém estivesse sentado à porta’, pensou ele.

Dirigiu-se à entrada e abriu a porta. À sua frente estava Bárbara Böhm sentada numa cadeira de rodas.

“Oh!”

“Como ,oh? Nunca viu uma mulher numa cadeira de rodas? O meu nome é Barbara Böhm. O senhor é o detective Müller? Bom dia!”

Ela estendeu a Müller a mão direita e com a esquerda rodou a roda da sua cadeira de rodas de modo a impulsionar-se na direcção da porta.

“Bom dia”, ri-se Müller com vergonha tentando esconder o seu embaraço. “Posso ajudá-la? Espere, acho que devemos fechar primeiro a porta.”

“Pode dizer aos seus condóminos que deviam instalar uma porta em condições. Através de uma porta tão estreita não passa ninguém!”

Conforme se dirigiam os dois para o elevador, acontece o mesmo problema.

“Vê, senhor Müller, o que estas pessoas hoje em dia constroem como elevadores? Tudo sem pensar em nós incapacitados. Experimente subir de costas e depois virar-se para ver se a porta aí já fecha.”

Após algum vai e vem ambos entraram no elevador e chegaram por fim ao escritório de Müller.

“Porque não o disse ontem ao telefone? Naturalmente que eu teria ido ter consigo. Tinha-se poupado o cansaço de vir até aqui!” Disse Müller.

“Porque é que o devia fazer? Primeiro não estou de cama e consigo mexer-me normalmente, e segundo já notou com certeza o comportamento idiótico que as pessoas têm em nossa casa. Ninguém pensa nos incapacitados e na nossa sociedade. Como também devemos, nós os incapacitados, chamar a atenção para a nossa sociedade! Como por exemplo você, senhor Müller: Certamente já passou mil vezes pela porta de entrada e utilizou o elevador. E? Já pensou alguma vez se este elevador poderia ser utilizado por uma pessoa com cadeira de rodas? A partir de hoje já sabe mais!”

Com um sorriso irónico Bárbara olha para o detective.

Müller sente-se inseguro. A senhora tem razão mas que pode ele fazer a esse respeito?

Ele diz: “E o que pretende de mim?”

“Então, estive-me a informar sobre que detectives existiam em Berlim e, para o meu projecto, acho que a sua firma é a mais indicada. Ora veja, agora tenho 14 dias de férias e depois tenho de passar aqui o resto deste ano. Portanto quero fazer algo proveitoso e aí é que me pode ajudar. A sua colega pode tirar fotografias certo?”

“Isso é da nossa competência, senhora Böhm, mas então o que devemos fazer agora?”

“Então, eu quero fazer uma reportagem sobre as firmas não adaptadas aos incapacitados. Portanto eu preciso de vocês como testemunhas quando houver complicações. Preciso de vocês como observadores, fotógrafos, engenheiros de som, pesquisadores e porventura como protectores. Aceita a tarefa?”

A Bea Braun, que ouviu a conversa toda, abanou a cabeça energicamente. Ela envergonhou-se um pouco também pois tinha achado a senhora, depois da sua conversa pelo telefone, estranha e esquisita. Além disso tocava-lhe a maneira com

que Bárbara Böhm encarava a sua situação. Por um momento perguntou-se como seria estar sentada numa cadeira de rodas, e então disse:

“Claro que aceitamos a incumbência, não, chefe?”

Müller também percebeu e disse:

“Com efeito ainda não sei como a podemos ajudar mas vamos descobrir.”

6

E assim foi. No primeiro dia do seu trabalho em conjunto, foram ambos detectives como dois cegos que precisavam da ajuda de Bárbara para aprender a ver.

Bárbara Böhm esclareceu os dois sobre o trabalho:

“Então, aqui está o plano de hoje. O tema é transportes e compras. A senhora Braun coloca-se do outro lado da estrada e fotografa-me conforme eu tento apanhar um táxi. Depois vamos ao centro comercial SCHNELLKAUF. Lá, no primeiro andar, vou tentar descobrir uma promoção de fim de verão. Aí deve ficar bem perto de mim, senhor Müller, depois quero que grave a conversa com a vendedora com o gravador. Depois vamos à secção de alimentos. O regresso faço de metro. Aí também deve tirar fotografias e gravar as conversas. Tudo claro?”

“Tudo claro.”

Müller guardou um Leitor de cassetes no bolso interior do seu casaco e prendeu aí um pequeno microfone. A Bea pegou numa máquina fotográfica com teleobjetiva e posicionou-se na estrada.

Bárbara foi na sua cadeira de rodas e parou na beira da estrada. Passados dois minutos vem um táxi devagar da rua Wilmerdorfer. Bárbara acenou mas o táxi não parou. A Bea fotografou. Logo outro táxi. Conforme o condutor vê o incapacitado acelera e segue.

“Isto não existe. Deviam tirar a licença a um. É monstruoso!”

Müller observa furioso um condutor que para uns 20 metros à frente e apanha uma jovem que certamente vem do emprego.

Por fim o terceiro táxi para. O condutor sai do carro e fica atônito frente a Bárbara.

“Então, jovem, como a meto no carro? É a minha primeira passageira de cadeira de rodas, sabia?”

“Primeiro mantenha simplesmente a minha cadeira segura. Eu depois puxo-me para o assento lá dentro. Depois dobra a cadeira e mete-a na bagageira. E é tudo.”

Müller e o condutor do táxi ficam espantados com a rapidez e destreza com que Bárbara entra no táxi.

De seguida Müller observa rindo-se de como o condutor do táxi tenta dobrar a cadeira. ‘Talvez não seja tão simples’, pensa Müller. Depois de puxar para lá e para cá o condutor lá conseguiu executar a tarefa e pôs a cadeira de rodas na bagageira.